

A democracia no delta do Rio Niger

O povo iorubá é um dos que vieram para o Brasil por meio do tráfico negreiro, a partir de meados do século XIX. Esse povo habitou a região Sudoeste da África, próximo ao delta do rio Níger, onde atualmente se localiza a Nigéria. Os principados iorubás desenvolveram-se a sudoeste deste território e mais ao sul prosperou o Império do Benim. Atualmente os iorubás estão na Nigéria – onde se perpetuaram os locais sagrados, no Benim (ex Daomé) e Togo. Em textos históricos, os iorubas podem aparecer sob o nome de nagôs. No Brasil, também podem ser chamados dessa forma. Nagô é, ainda, o nome da língua iourubá.

As vivências dos iorubás se deram nas aldeias e essa urbanidade é uma forte característica. A sociedade era “ultrademocrática e favorecia a iniciativa individual”¹, com eleições e equilíbrio entre poderes.

Assim como muitos outros povos, os iorubás migraram do Nordeste da África, provavelmente do Alto Nilo, entre os séculos VI e XI. Chegaram ao Oeste africano, encontraram o delta do Rio Níger e fundaram Ilé Ifé. Local sagrado, fonte mística de poder e legitimidade, de lá partiam as consagrações espirituais e para lá retornavam os restos mortais e insígnias de todos os reis iorubás. A liderar as consagrações estava o oni, chefe de Ilé, o grande pontífice. São muitos os deuses e semideuses no panteão dos iorubás, chamados de orixás, todos até bem conhecidos dos brasileiros.

Foi também de Ilé que partiram os primeiros príncipes para formar seus reinos. Eles tinham como antepassado comum Oduduá, filho de Olodumaré. Okanbi, filho de Oduduwa, teve sete filhos; todos se tornaram “cabeças coroadas” e reinaram nos principados de Owu, Sabé, Popo, Benim, Ilé, Ketu e Oyo. Há várias versões dessa história, porém, todas indicam a supremacia de Ilé.

As pesquisas arqueológicas em sítios iorubás ainda são poucas mas há evidências de que para além de seus reinos e aldeias, os iorubás estenderam suas influências para outros povos que se assentavam na região.

O fundador de Oyo foi Oranian e seu sucessor foi Xangô, “tão fogooso que, quando falava, lhe saíam chamas da boca e fumo pelas narinas. Havendo tentado atrair e dominar os raios por processos mágicos, acabou por conseguí-lo para a infelicidade de sua casa e acabou por se enforcar”.² Ele é o deus dos raios, venerado na costa do Benim e no Brasil até hoje em dia.

Um reino iorubá é uma federação de cidades, autônomas entre si. No período pré-colonial, os habitantes dessas cidades atingiam centenas de milhares de pessoas. Um tanto democráticas, outro tanto aristocráticas, a organização dessas cidades se dava internamente, embora estivessem submetidas a um poder maior. Em Oyo, por exemplo, havia o alafing, espécie de rei, também chamado de “companheiro dos deuses”. O reinado, entretanto, não era vitalício.

¹ História da África Negra, Joseph Ki-Zerbo, página 202.

² Ídem, página 203.

Um conselho de estado formado por sete Oyo-mesis assessorava o alafing e também elegiam seu sucessor. Na verdade, funcionavam como árbitros nas disputas entre linhagens reais. Os Oyo-mesis não eram nobres, mas representavam linhagens importantes, com direitos hereditários sobre títulos políticos e bens. Chefes de bairro e de famílias vigiavam o alafing constantemente. Ao invés de soberanos impiedosos que mandavam degolar seus súditos, e muito antes da Revolução Francesa, entre os iorubás quem levava a pior era o rei. Quando ele cometia um crime a punição era quase imediata. “Era o primeiro dos Oyo-mesis o encarregado de levar ao rei esta terrível ‘moção de censura’. Dirigia-se, aliás, a ele em termos carregados de humor negro: ‘As nossas sessões de adivinhação’, dizia-lhe ele, ‘revelaram-nos que o seu destino é mau e que o seu orum (o seu outro ser celeste) já não tolera que continue aqui na Terra. Pedimos-lhe, pois, que vá dormir’. O soberano devia envenenar-se logo a seguir.”³

Cada aldeia ou cidade tinha seu chefe, chamado balé. Depois de eleito seu nome ainda passava pela apreciação do alafin de Oyo e às vezes também pelo oni, o sacerdote de Ifé. Uma vez aceito, o balé tinha de publicamente se comprometer com o bem-estar da população e em particular dos mais pobres e doentes. Um conselho assessorava o balé, sendo que cada posto desse conselho tinha dois titulares, um “da mão esquerda” e outro “da mão direita”. Um dos cargos mais importantes era o de recebedor de impostos, normalmente exercido por um babalaô, espécie de mágico. Para tal função, ele tinha um lugar estratégico. É que as cidades iorubás eram cercadas por muralhas, e o babalaô era justamente o porteiro! De um modo geral, o alafing praticava um regime liberal e se contentava em cobrar direitos de barreira.

A vida em comunidade era intensa. Diferentemente de alguns outros povos africanos, os iorubá eram exogâmicos, isso significa que eles podiam se casar com pessoas de outras etnias ou tribos ou que não fossem seus parentes. Os mercados locais, ou feiras, aconteciam a cada três ou cinco dias e era um ponto de encontro. Nesse aspecto, constituíam um fenômeno tanto econômico quanto social. Era a oportunidade para saber as novidades, encontrar parentes, pagar dívidas, estabelecer relações sentimentais, pedir a um griot os seus préstimos em troca de pequena quantia ou bebericar cerveja de milho ou vinho de palma. As mercadorias ficavam expostas sobre um pano, esteira ou pele. Eventualmente, mercadores regionais por ali transitavam.

A conservação das vias de acesso a esses mercados eram tarefas coletivas e anuais. Essas vias ligavam os mercados menores ao fervilhar dos grandes mercados regionais, situados em cidades como Oyo, Ifé e Benim. A partir do Golfo da Guiné, adentrando o continente pelo Oeste, estas três cidades são o ponto de partida para a rota de caravanas que, na Idade Média, ligava mais de 70 centros comerciais ao longo do deserto do Saara, de Awill, no extremo ocidental, à Suakin, no extremo oriental. Ou ainda, da Mauritânia à Somália, no mapa atual.

Nos mercados do Benim e de Oyo, as corporações de ferreiros, escultores, sapateiros, e fabricantes de batuques ofereciam seus produtos. Os tecelões também se organizavam por ali. Os homens trabalhavam nos teares horizontais, com pedais,

³ Ídem, página 204.

para fazerem tiras; as mulheres se ocupavam dos teares verticais, para a confecção de peças mais largas. Tanto naquele tempo quanto na atualidade, as mulheres iorubas são presença numerosa nos mercados.

“No mercado, onde a chama dançante de milhares de pequenas lâmpadas de óleo fazia sair das trevas rostos sempre aprazíveis de vendedores obstinados, na esperança de uma boa oportunidade, as transações prosseguiam noite adentro.”⁴

Outra atividade desenvolvida pelos iorubás é a manufatura de contas de vidro. Talvez por essa razão, as coroas dos rei, chamadas adé, são feitas com pequenas contas de vidro e ornadas por franjas de miçangas. Nas casas e palácios, tanto de Oyo, Ifé e outros principados, o piso se caracterizava pelo uso de cacos de cerâmica justapostos.

No começo do século XVII, Oyo tornou-se mais imperialista. Provavelmente, o fato de ter prosperado em meio à savana favoreceu os movimentos de cavalaria e infantaria e assim como ameaçaram outro povos da savana, também rumaram para as florestas setentrionais, disseminando sua cultura e sua religião, inclusive a forma democrática de governo. Um de seus maiores inimigos foram os Nupe, naturais das savanas, que tomaram Oyo por volta do século XVI. Os iorubás reorganizaram suas forças militares, reforçaram a cavalaria e retomaram a cidade 70 anos depois.

Eweka, rei do Benim

Os iurubá e seu centro religioso, Ifé, estão ligados ao Benim por meio de Oranyan, o neto de Oduduwa e fundador lendário de Oyo. Conta-se que, no século XII, os próprios chefes do Benim pediram a Oduduwa um príncipe e este enviou Oranyan. Passado um tempo, o príncipe ficou saudosos de sua terra; retornou a Ifé e ao convívio com os iorubá. Ao deixar o Benim, porém, a bela princesa Erimwindé esperava um filho seu. Nasceu um menino, de nome Eweka I, chamado o Bem-amado, e que tornou-se o primeiro soberano do Benim.

Duas descrições detalhadas da cidade do Benim ajudam a formar uma imagem bem interessante da vida dos descendentes de Oryan e Erimwindé:

“Benim era uma cidade que excedia em urbanismo a maior parte das cidades européias da época. Era uma cidade com uma planta retangular, cercada por um grande muro de terra e um fosso profundo. Quatro largas avenidas de 120 pés de largo e uma légua de comprimento, ligando as grandes portas, cruzavam-se em ângulos retos, ladeadas de árvores bem alinhadas e de casas de estilo muito original: ‘Um muro exterior e um muro interior retangulares, com cobertura de colmo ou de folhas, constituíam as peças de habitação que delimitavam um pátio interior preparado para o escoamento das águas da chuva e para que os prolongamentos do teto sobre o pátio constituíssem uma varanda ao ar livre. Na cumeeira do portal ergue-se uma enorme serpente de latão. À entrada encontram-se os altares consagrados aos antepassados e aos deuses de um panteão prodigioso: Deus supremo, deus do mar, do ferro, da fertilidade etc. A amplitude dos pátios e a altura das casas dependiam da posição social e a corte do rei constituía uma cidade na cidade, com todo um povo de

⁴ Ídem, página 217.

funcionários e de criados minuciosamente hierarquizados, sem contar com o setor inacessível do harém”.⁵

Um dos primeiros viajantes que andaram na costa da África descreve a cidade do Benim assim: “Há várias portas que têm oito ou nove pés de altura e cinco de largura. São de madeira, todas elas de uma só peça, e giram sobre um eixo. O palácio do rei está do lado direito da cidade...É um conjunto de construções que ocupa tanto espaço como a cidade de Grenobla e que é fechado de muralhas. Há várias divisões para os ministros do príncipe e belas galerias, a maior parte das quais são tão grandes como a Bolsa de Amsterdã. São sustentadas por pilares de madeira encaixados em cobre, onde estão gravadas as suas histórias e que se tem o cuidado de manter bem asseados. A maior parte destas casas reais são cobertas de ramos de palmeira, dispostos como tábuas quadradas. Cada canto é embelezado com uma pequena torre em pirâmide, na ponta da qual está empoleirado um pássaro de cobre a abrir as asas. A cidade é composta de trinta grandes ruas muito direitas, com vinte e seis pés de largura, além de uma infinidade de pequenas ruas transversais. As casas estão perto uma das outras e alinhadas em boa ordem. Têm tetos, guarda-ventos, balaútres e recebem a sombra de folhas de palmeira e de bananeira, porque têm apenas um piso. Há, no entanto, nas casas dos gentis-homens grandes galerias interiores e vários compartimentos, cujas paredes e pisos são cobertos de uma camada de terra vermelha. Estes povos não ficam atrás dos Holandeses em limpeza. Lavam e esfregam tão bem as suas casas que elas se encontram polidas e brilhantes como um espelho. A um dia de viagem de Benim para levante encontra-se a povoação de Gofó...Há falta de água em outros pontos, como a caminho de Goton, no Grande Benim. O rei paga as pessoas para fornecerem água aos viajantes e os seus oficiais têm o cuidado de conservar em certos lugares grandes vasilhas cheias de água fresca e clara como cristal, com uma concha para beber. Mas ninguém ousaria tomar uma gota sem pagar. E, se o encarregado ali não está, deixam o dinheiro e seguem caminho. Estes pretos são muito mais civilizados que os outros desta costa. São gente que tem boas leis e uma polícia bem organizada, gente que vive em boa harmonia e que cumula de atenções os estrangeiros que vêm comerciar ao seu país...”⁶

A realeza de Ifé

O principado de Ifé foi, sem dúvida, o mais importante para os iorubas nos aspectos religioso e artístico. Tornou-se famoso pelo mundo afora quando descobriram obras-primas de bronze e terracota. Muito antiga, originada da cultura de Nok, essa arte naturalista visa a celebração da prosperidade do reino. Essa técnica “consistia em preparar primeiro a escultura em cera, em volta de um núcleo de terra. Depois, revestia-se a cera de uma camada informe de argila, na qual se tinha o cuidado de abrir um orifício. Em seguida, aquecia-se a argila e escorria a cera derretida. A cavidade assim obtida no interior da massa de argila tinha, portanto, a

⁵ Ídem, página 206.

⁶ Ídem, página 207

forma exata da estátua a realizar. E bastava agora verter nela latão fundido, esperar que se consolidasse e quebrar a argila para obter a estátua.”

Em Ifé, os mestres artesãos e seus aprendizes não trabalhavam em qualquer lugar. Ruas e locais apropriados, espécie de santuários, eram reservados para eles. Ali, desenvolviam todas as peças necessárias aos ritos e protocolos da corte: esculturas em madeira ou marfim, tecelagem, fabricação de tambores e peças de latão, cobre e ferro.

“No que respeita à perfeição plástica, as obras-primas de Ifé não ficam nada atrás das melhores peças da estatuária grega. Mas têm qualquer coisa de menos frio e de mais comovente, pois não procuram alcançar uma beleza idealizada. Representam homens e mulheres, cada um dos quais manifesta uma experiência humana individual, imortalizada pela mão destes artistas anônimos. É um oni erguido dos pés à cabeça em todos os seus adornos, ou apresentando uma cabeça de uma serenidade e de uma dignidade bem reais. É um grande da corte, cujo perfil peule respira inteligência e altivez. É uma rainha-mãe cujo rosto exprime que a vida já não tem muito para lhe ensinar, pois os seus lábios esboçam um imperceptível frêmito. Não se sabe se é um sorriso nostálgico, ao recordar as alegrias efêmeras desse mundo.”

Estas obras levam etnólogos a estabelecer relações entre a cultura de Ifé e outra quase um milênio mais antiga: a de Nok. Boa parte das obras-primas realizadas em Ifé e no Benim foram levadas pela expedição militar britânica de 1897 ou possivelmente exumadas acidentalmente, em trabalhos de remoção de terras, a partir de 1938.

Até hoje em dia, os reis de Ifé e de outros estados iorubas se consideram dinastias descendentes de Olodumaré. As cerimônias de entronização e emblemas reais atuais são parecidos entre esses países, o que faz supor que as realezas atuais tenham realmente se constituído de acordo com os modelos da Ifé do passado.

O texto trata de aspectos da civilização Ioruba, no delta do Rio Níger. É interessante, inclusive, por trazer descrições de cidades. Acredito que essas descrições, se bem contatadas, podem colorir o imaginário dos alunos.

Por Sandra Seabra Moreira.